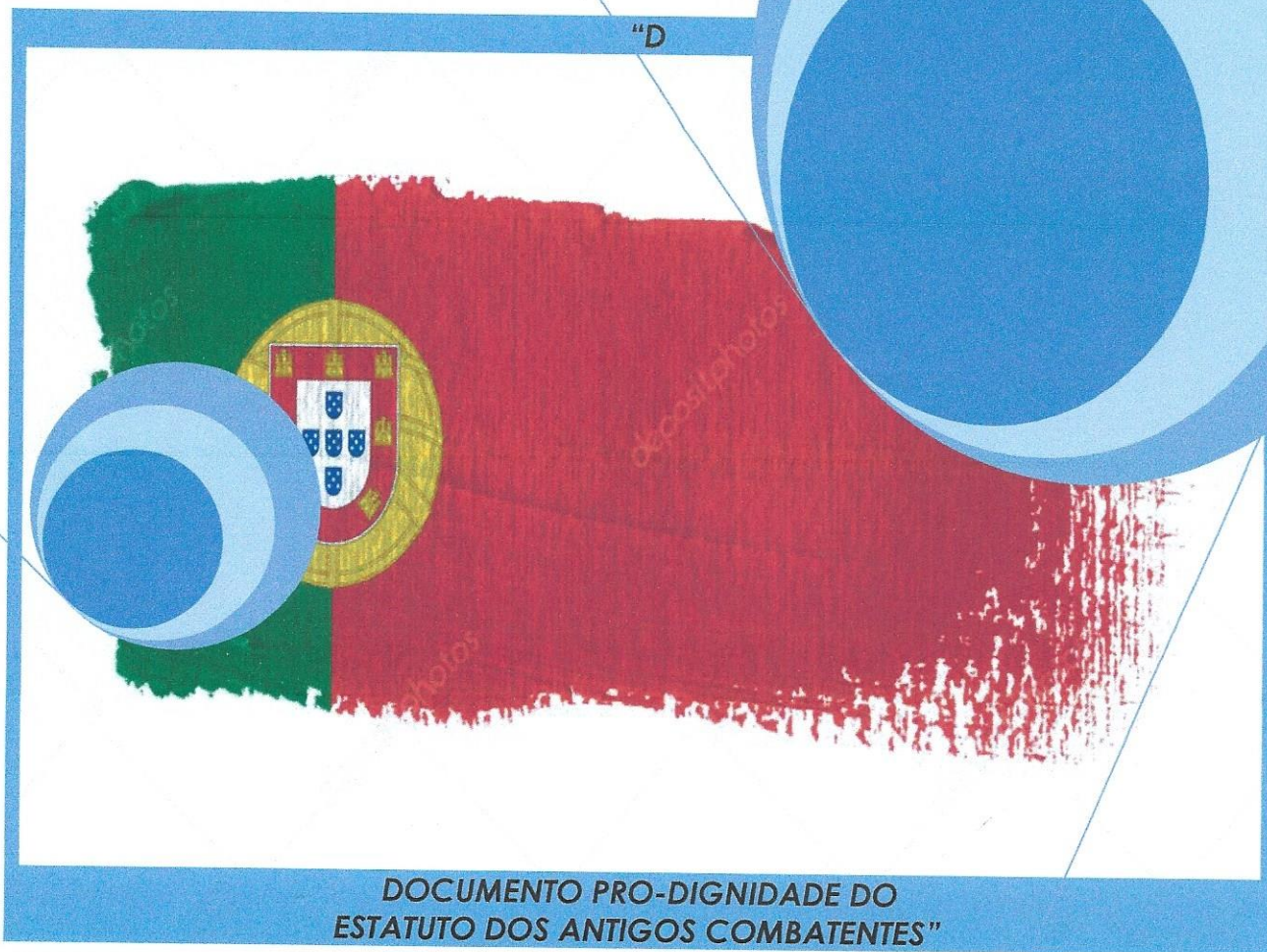


"D



**DOCUMENTO PRO-DIGNIDADE DO  
ESTATUTO DOS ANTIGOS COMBATENTES"**

**LISBOA, 05 Dezembro de 2019.**



C/Cópia para ..... o Sr Ministro da Defesa.  
..... a Senhora Secretária de Estado de Rec. Humanos e Antigos Comb.  
..... o Sr Chefe de Estado-maior General das Forças Armadas.  
..... o Sr Chefe de Estado-maior da Armada.  
..... o Sr Chefe de Estado-maior do Exército.  
..... o Sr Chefe de Estado Maior da Força Aérea.  
..... a Liga dos combatentes.

**Carta aberta a sua Excelência  
o comandante supremo das Forças Armadas,  
Palácio de Belém - Calçada da Ajuda  
1346-022 Lisboa.**

→ **Estatuto do combatente;**  
→ **Dignidade do combatente;**  
→ **Respeito pelo combatente.**

Excelência.

**A) - Apresentação.**

Antes de mais permita que nos apresentemos: Somos um grupo de combatentes que, ao serviço da Pátria, lutámos em terras de África em defesa do solo pátrio, fazemos parte de um movimento pró-dignidade dos combatentes do Ultramar, intitulado "**O ESTATUTO DOS ANTIGOS COMBATENTES**", em que os primeiros dois assinantes pertenceram ao ramo militar da Marinha, os dois seguintes ao ramo militar da Força Aérea e dois últimos ao ramo militar do Exército e pretendemos colher o apoio do nosso actual comandante supremo das Forças Armadas para esta nossa causa, que a consideramos de "jus dignidade nacional".

**B) - Factos e feitos dos Combatentes - últimos 58 anos-**

A guerra do Ultramar, para uns, ou a guerra colonial para outros, teve início em 1961, perfazendo atualmente cinquenta e oito anos.

Por outro lado, decorridos que estão quarenta e cinco anos, após o 25 de abril, os combatentes do ultramar são hoje confrontados com um sentimento de abandono e de desprezo por uma Pátria, que se tem comportado, nas últimas décadas, como uma Pátria madrasta.

Certamente que, o nosso Comandante Supremo das Forças Armadas (C.S.F.A.), sabe, que hoje, existe um sentimento de revolta e de descontentamento generalizado em todos os combatentes do ultramar, sentimento esse que vai ao ponto extremo de vários heróis, antigos combatentes, entregar as suas cruces de guerra ao senhor C.S.F.A. e a fazer greve de fome, pela causa dos combatentes.



*(O combatente Fernando Rosa, em greve de fome: desde 07/09 a 12/09/2019, ladeado por 4 camaradas, da Marinha)*

Fomos além-mar, aonde a Pátria foi, lutámos com um clamor imortal, de mar em mar, de rio em rio, de serra em serra, sempre em prol de uma Pátria que julgávamos ser a nossa, porque foi a nossa Pátria que nos pediu para lutar por ela e hoje essa mesma Pátria olha para os combatentes como inúteis, como traidores ou até mesmo como mercenários.

Fomos heróis além-mar, pagámos um elevado preço pela vitória, milhares com a própria vida, e hoje continuamos a pagar um estado de alma que se traduz na humilhação, na ignomínia, na indignação e, acima de tudo, no esquecimento e abandono, daquela ditosa pátria, que recusa reconhecer os seus filhos como combatentes e como heróis.

Um País que recusa a sua história, não pode ter dignidade nem futuro.

Não basta dizer que esta geração de jovens combatentes foi uma geração de «Heróis», considerada pelo senhor presidente da República, atual Comandante Supremo das Forças Armadas, quando afirmou: «Vós sois os nossos heróis num tempo de ditadura e de fim de ciclo imperial e colonial. Nesse capítulo intenso, dramaticamente intenso da nossa história. E quando olhamos para vós, continuamos a ver, para além de tudo o que foi sofrido, vida, capacidade de luta, orgulho, lealdade e amor. O presidente da República manifesta aqui perante todos vós a rendida admiração, penhorada, de todos os portugueses...»

Na realidade decorreram quase cinquenta anos após a Revolução de Abril, a qual pôs fim à Guerra Colonial, sem que nenhum governo nacional tivesse reconhecido aos jovens combatentes e a todos os militares em geral, o valor patriótico, lealdade, total entrega, espírito de sacrifício e, acima de tudo, amor à Pátria. Há, pois, necessidade de construir esse estatuto nacional, reconhecendo aos combatentes, nesta recta final da sua vida, a grande doação nacional, muitos, mas muitos, perto de 10 000 combatentes, morreram em combate 20 000 ficaram deficientes e mais de 140 000 sofrem de perturbações de stresse traumático pós-guerra, tudo por amor à Pátria.

Este sentimento de revolta está plasmado em todas as redes sociais, em que todos os combatentes se sentem abandonados pelo actual governo, o qual segue a mesma linha de orientação dos executivos anteriores. Em todas as redes sociais, circulam comunicados, mensagens ou artigos de opinião, em que existe um denominador comum de sentimento de abandono e desprezo pelos combatentes dos três ramos das Forças Armadas.

Este sentimento de revolta está diretamente ligado à matriz de conduta que todos os comandos militares, todos os Comandantes Supremos das Forças Armadas e todos os governos, pós 25 de Abril 74, abraçaram, em total desrespeito e desonra a uma geração de combatentes que nós identificamos como a geração da década de 1960/70, a qual está ligada à guerra colonial.

Se não vejamos:

1. Vários peritos internacionais, designadamente ingleses e norte-americanos, analisaram e estudaram o esforço de guerra de várias nações envolvidas em vários conflitos e também em várias frentes de batalha em simultâneo, incluindo Portugal, no que diz respeito à gestão, à logística, ao espírito guerreiro dos seus soldados e das economias que suportavam esses conflitos e ainda dos resultados obtidos.

2. Tais peritos chegaram à conclusão de que em todo o Mundo só havia dois países que mantiveram três teatros de operações em simultâneo: a poderosa Grã-Bretanha com frentes na Malásia (a 9300 km de 1948 a 1960); no Quénia (a 5700 km de 1952 a 1956); no Chipre (a 3000 km de 1954 a 1959); e Portugal, com frentes na Guiné (a 3400 km); Angola (a 7300 km) e Moçambique (a 10 300 km) de 1961 a 1974 (treze anos seguidos). Estes especialistas chegaram à conclusão de que Portugal, dadas as premissas económicas, as dificuldades logísticas para abastecer as três frentes, bem como a sua distância, a vastidão dos territórios em causa e a enormidade das suas fronteiras, foi aquele que melhores resultados obteve. Entendem ainda aqueles especialistas que os resultados obtidos por Portugal se devem sobretudo à capacidade de adaptação e sofrimento dos seus soldados e à sobrecarga que foi possível exigir a um grupo reduzido de quadros dos três ramos das Forças Armadas, comissão atrás de comissões, com intervalos exíguos de recuperação física e psicológica.
3. Pelo que não pode ser imputado às Forças Armadas Portuguesas, o desfecho do fim do império, dado que as mesmas, durante os 13 anos de guerra, defenderam as suas fronteiras e garantiram a segurança em todo o território nacional
4. Todos os que serviram a Pátria e, principalmente, as gerações de oficiais, sargentos e praças dos três ramos das Forças Armadas, que serviram durante treze anos na Guerra do Ultramar, nos três teatros de operações, só pelo facto de suportarem este esforço sobre-humano que se reflete necessariamente em debilidades de saúde precoce, mazelas para toda a vida, invalidez total ou parcial, e morte, tudo ao serviço da Pátria, merecem o reconhecimento da nação, que jamais lhes foi dado.
5. Citando Eduardo Coelho, in prefácio dos "Deficientes das Forças Armadas- A Geração da Rutura", .. A universalidade do preço do sangue, sacrifício e mutilações dos nossos soldados merecia algo mais, como reparação pelo esquecimento a que durante longos anos foram votados...", devemos ainda acrescentar a ignomínia lançada por todos os Chefes de Estado-maior dos três ramos das Forças Armadas, por todos os Comandantes Supremos das Forças Armadas e ainda por todos os governos, depois do 25 de Abri/74, contra os antigos combatentes do Ultramar.
6. Em todos os países do Mundo geradores de conflitos bélicos, os soldados quer dos países vencidos quer dos países vencedores, receberam e recebem por parte dos seus governos, tratamento diferenciado do comum dos cidadãos, sobretudo nos capítulos sociais da assistência na doença, na educação e na velhice e na morte, como preito de homenagem da nação, àqueles que lutaram pela pátria com exposição da própria vida.
7. Sem contar com os soldados norte-americanos, todos aqueles que lutaram em nome da Grã-Bretanha, da França, da Alemanha, da Itália, do Japão,

*[Handwritten signature]*

do Iraque, do Irão, entre outros, têm tratamento diferenciado dos restantes cidadãos nacionais

- 8.** Os combatentes norte-americanos, mais conhecidos por veteranos de guerra dos EUA, a sua Associação de Veteranos de Guerra não depende de nenhuma Secretária de Estado, nem do Congresso, depende diretamente do presidente dos EUA, com quem despacha quinzenalmente. Esta prerrogativa referendada por toda uma nação permite que todos aqueles que deram a vida pela pátria repousem em cemitérios espalhados por todo o Mundo, duma grandiosidade, beleza e arranjo ímpares, ou todos aqueles que serviram tenham assistência médica e medicamentosa para eles e família, condições especiais de acesso às universidades, bolsas de estudo e outros benefícios sociais durante toda a vida.
- 9.** Este privilégio que o povo americano concedeu a este tipo de cidadãos é motivo de orgulho de todos os americanos.
- 10.** Todos os países do Mundo conferiram um estatuto próprio aos seus combatentes, menos Portugal.
- 11.** É por este estatuto do antigo combatente que lutamos e queremos ver reconhecido pelo actual Comandante Supremo das Forças Armadas e pelo primeiro-ministro António Costa a honra e a dignidade de combatentes desta Pátria, que sempre amámos.
- 12.** Por outro lado, no que diz respeito aos cemitérios espalhados pelas antigas colónias portuguesas, da Guiné, de Angola e Moçambique, os talhões de combatentes dos vários cemitérios estão abandonados, quando não, profanados. É confrangedor ver o estado de degradação a que se chegou, ainda que a Liga dos Combatentes afirme que estão todos bem limpos e bem tratados.



(Campa do soldado n.º 559/66, algures, abandonado em Moçambique)

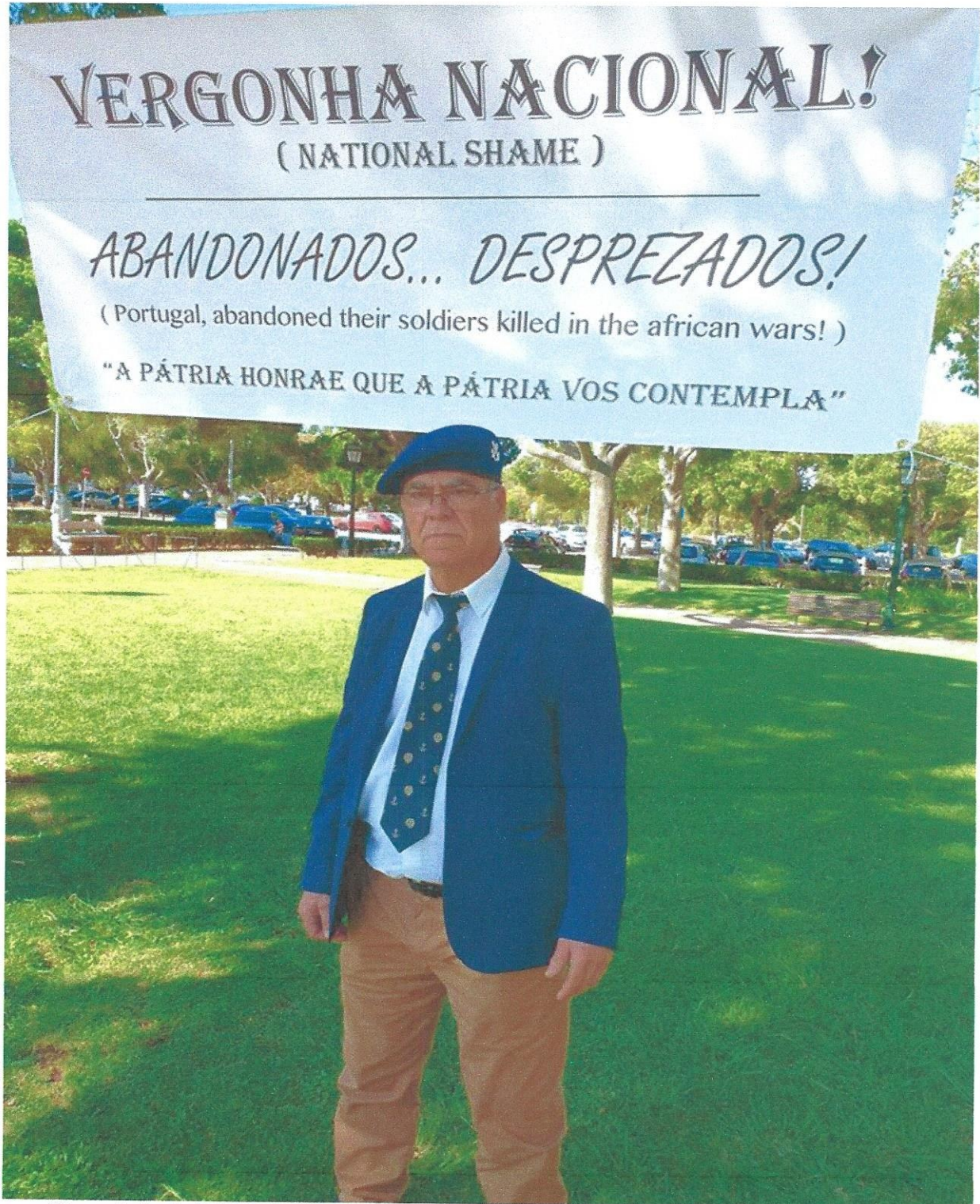
- 13.** A liga dos Combatentes, criada nos termos e para os efeitos da primeira Guerra Mundial, sempre obedeceu aos princípios para que foi criada, sem qualquer intervenção, representação ou desígnios da luta dos combatentes do Ultramar, mesmo por paradoxal que pareça, pelo que também deverá ser culpada, pelo ostracismo a que os combatentes do Ultramar foram votados.
- 14.** Em Portugal, pouco a pouco, foi-se tirando a dignidade devida aos que combateram pela Pátria, abandonando os seus mortos, e retirando as poucas «migalhas» que ainda tinham diferentes do comum dos cidadãos, a assistência médica e medicamentosa, para ele e cônjuge, alinhando-os devidamente por baixo, taxando uma miséria a que Paulo Portas designou por suplemento especial de pensão, €150,00 por ano, para os combatentes que prestaram serviço, nas antigas colónias, superior a 24 meses. (artigo 8º da Lei 3/2009 de 13/01).
- 15.** Os antigos combatentes exigem o tratamento condigno, que lhes tem vindo a ser negado, depois do 25 de Abril/74, essencialmente nas áreas da saúde, apoio financeiro aos mais necessitados e apoio psíquico aos combatentes vítimas do Síndrome de Stresse pós-traumático de guerra.
- 16.** Todos os políticos, depois do 25 de Abril de 1974, tomaram uma posição contrária à que se verificou com os governantes que conduziam os destinos do País, na altura da primeira Guerra Mundial, pois todos aqueles que foram mandados combater pela Pátria, e honraram Portugal, tiveram medidas de apoio social suplementares diferentes de todos os outros cidadãos portugueses, além duma receção ímpar por todo o governo da nação em ambiente de grande festividade nacional. Naquela altura, os políticos portugueses dignificaram a sua função e daqueles que combateram pela pátria. Foram criados talhões de combatentes em vários cemitérios públicos à custa e manutenção do Estado, foram construídos monumentos grandiosos em memória dos que deram a vida pela pátria, foi concebido um Panteão Nacional para o Soldado Desconhecido na sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha, com guarda de honra permanente, vinte e quatro horas sobre vinte e quatro horas, foram criadas pensões especiais para os mutilados doentes e gaseados, foram criadas condições especiais de assistência médica e medicamentosa para os militares e famílias nos hospitais militares, numa altura em que ainda não havia assistência social generalizada como há hoje, foi criado um lar específico para acolher a terceira idade destes militares em Runa (é importante lembrar que, em 1918, se decidiu receber e tratar os jovens, com vinte anos em 1918, quando estes tivessem mais de sessenta e cinco anos de idade), e, por último, foi criada a Liga dos Combatentes que, de certo modo, corporizava todo este apoio especial aos combatentes, embora nada tenha feito nas últimas décadas, demonstrando ser o rosto dos governantes envolvidos na primeira grande guerra, do período 1914/1918 e nada mais.

17. Na altura, o País que atravessava uma situação económica e financeira difícil, quase de bancarrota, deu tudo o que tinha e o que não tinha àqueles que combateram pela Pátria, sendo certo que, aqueles que vestiram a farda militar de Portugal, foram eternizados como heróis, seguindo as demais nações.
18. Decorridos precisamente 100 anos, os atuais políticos, com a exceção do senhor Comandante Supremo das Forças Armadas, Marcelo Rebelo de Sousa, que recentemente chamou atenção para o governo que saísse das eleições de 06/10/2019, para a situação dos antigos combatentes e do Governo do PS, que criou pela primeira vez uma Secretaria de Estado de apoio aos Antigos Combatentes, continuam em teimar na política do ostracismo, da ignominia, do desprezo e do abandono dos antigos combatentes, recusando dar tratamento diferenciado aos que serviram a Pátria em combate, omitindo toda a dignidade que deve ser dada aos antigos combatentes
19. Os Combatentes requerem o tratamento condigno que lhes tem vindo a ser negado desde o fim da Guerra Colonial, devendo a Pátria seguir os exemplos de países como os Estados Unidos da América, a França, a Inglaterra, entre outros, essencialmente nas seguintes áreas:
  - 19.1 - **Criação de uma Secretaria de Estado, dedicada exclusivamente aos Antigos Combatentes;**
  - 19.2 - **Cartão exclusivo do Combatente;**
  - 19.3 - **Transladação de todos os restos mortais de Combatentes para Portugal, desde que requeridos pelas Famílias;**
  - 19.4 - **Cuidados de saúde gratuitos;**
  - 19.5 - **Internamento gratuito, em Hospitais militares e lares públicos de Combatentes com deficiência económica;**
  - 19.6 - **Pensão mensal mínima de guerra;**
  - 19.7 - **No dia do funeral do Combatente, desde que fosse manifestado interesse pelo próprio, colocação da bandeira nacional, sobre a urna, tudo sob o controlo das forças armadas ou militarizadas.**
20. Todos os países do Mundo que entraram em conflitos bélicos prolongados, concederam aos seus soldados privilégios especiais, não atribuídos aos outros cidadãos, como gratidão, por terem sido chamados a combater pela Pátria, todos menos Portugal.
21. É simplesmente uma vergonha.



**C) - Uma vergonha nacional.**

*gr. de Fernando Rosa*



(O combatente Fernando Rosa, em greve de fome (dias 07/09 a 12/09/2019), reivindicando o Estatuto do combatente e a transladação de todos os soldados mortos em terras africanas).

Para nós combatentes, a guerra colonial (1961/74), foi sem dúvida o acontecimento mais marcante para todas as gerações desde a fundação da nacionalidade até 25 de Abril de 1974.

No fundo podemos afirmar que a geração (a nossa geração) de 1960/70, é a geração de todas as gerações: a geração militar mais jovem, a geração mais

*Handwritten signatures and marks at the top of the page.*

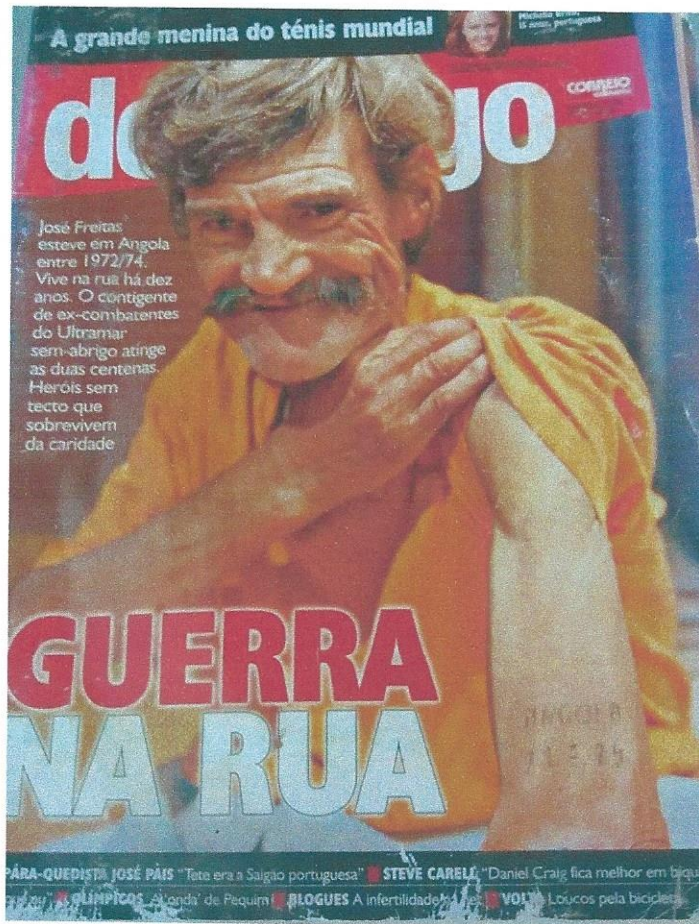
guerreira e/ou mais combatente, a geração mais sacrificada e a geração mais revolucionária.

Todos os dias, assistimos a velórios de irmãos de armas, ilustres combatentes, que são totalmente desconhecidos, que levam consigo um sem-número de [imensas] histórias de guerra, de dor e sofrimento que ficaram por contar, algumas certamente de fazer tremer o coração de qualquer patriota.


Nós combatentes, cidadãos comuns, depois do 25 de Abril de 1974, olhámos para a nossa Pátria e não podemos deixar de manifestar o nosso sentimento de revolta pela profunda injustiça a que fomos ostracizados.

É, na realidade uma vergonha nacional, pelo que salientamos alguns factos que envergonham o nosso País e nós próprios, combatentes, sentimo-nos envergonhados, dos quais destacamos:

- **UMA VERGONHA PARA O NOSSO PAÍS.....** Todos os soldados do Mundo chamados a combater pela sua Pátria, têm um estatuto próprio de combatente, menos o meu País;
- **UMA VERGONHA PARA O NOSSO PAÍS.....** Ter combatentes, designados por "sem-abrigo", de volta aos caixotes do lixo para sobreviverem, totalmente ignorados e abandonados pelo poder político.



(O sem-abrigo José Freitas, antigo combatente, Angola 1972-74, sem tecto, sem comida e sem apoio do Estado)

- 
- **UMA VERGONHA PARA O NOSSO PAÍS.....** Muitos dos heróis combatentes entregaram as suas cruces de guerra ao senhor Comandante Supremo das Forças Armadas, sem esquecer o ilustre combatente Fernando Rosa que arriscou a sua própria saúde, num acto de elevada coragem, fazendo greve de fome durante 5 dias em prol do estatuto do combatente e da transladação dos corpos de militares mortos e ainda sepultados em terras africanas.
- **UMA VERGONHA PARA O NOSSO PAÍS.....** Ter um índice de pobreza da ordem dos 20%, atingindo mais de 2.200.000 portugueses, sem esquecer a grande desigualdade existente, entre ricos e pobres, pelo que se exige uma melhor redistribuição da riqueza nacional produzida. Citando o senhor Presidente da República: "Temos de fazer chegar à sociedade portuguesa a seguinte mensagem: é uma vergonha nacional sermos das sociedades mais desiguais e com tão elevado risco de pobreza na Europa, Eu tenho vergonha" . (Jornal de Noticias de 22MAR2018).
- **UMA VERGONHA PARA O NOSSO PAÍS.....** Portugal é um dos países mais corruptos e menos transparentes da união europeia. A corrupção custa a Portugal, todos os anos, 18,2 mil milhões de €uros, o equivalente a 7,9% do Produto Interno Bruto. A justiça funciona mal ou tardia e a corrupção inunda todos os sectores da vida nacional, pelo que a impunidade é quase uma realidade, a corrupção é uma realidade e a fragilidade do sector judicial, embora não seja uma realidade, esta não tem sabido combater a corrupção.
- **UMA VERGONHA PARA O NOSSO PAÍS. ....** Pagar reformas injustas e astronómicas, designadamente a políticos, a milhares de deputados, ou até mesmo a empresários como são os casos de Jardim Gonçalves (€167.000,00/mês), Filipe Pinhal (€70.000,00/mês) Paulo Teixeira Pinto (€40.000,00/mês), e tantos outros, quando a maior parte dos reformados portugueses têm reformas de miséria que não ultrapassam os €300,00/mês.
- **UMA VERGONHA PARA O NOSSO PAÍS.....** Manter uma estrutura militar desequilibrada e fora de lei, dado que o decreto-lei 202/93 de 03/06, fixa um total de 83 oficiais generais para os três ramos das forças armadas, sendo certo que ainda há pouco tempo existiam 41 oficiais generais acima do estabelecido por lei. Portugal sendo um País pertencente à NATO, não carece de ter uma estrutura tão pesada em oficiais, sargentos e praças, pois este contingente de homens, custam aos cofres do Estado muitos milhares de milhões de euros, nada justificando uma despesa militar tão elevada.

Assim, torna-se imperioso dizer basta a tantas injustiças e a tantas vergonhas nacionais.

**D) - Em resumo, todos contra os combatentes do Ultramar.**

Para terminar este nosso testemunho em prol do ESTATUTO DO COMBATENTE, gostaríamos de alertar a esta nobre Nação, valente e imortal, que dos 1.200.000 soldados que combateram nas antigas colónias, ou províncias ultramarinas, ainda continuam vivos aproximadamente 420.000 combatentes.

Dos que tombaram em combate e dos que tombaram depois do combate, compete-nos a nós combatentes exigir, ao poder político, total respeito e dignidade por uma geração, a geração de 1960/70, que se entregou à guerra em defesa da Pátria, em troca de nada.

O luto da guerra colonial nunca foi feito, mesmo que no presente ano o senhor Comandante Supremo das Forças Armadas e o actual Governo do PS, tenham dado sinais de reconhecimento de forma muito tardia, profundamente injusta e até patologicamente narcisista, em não reconhecer os serviços prestados pelos antigos combatentes.

É verdade que até 2019, nunca e em momento algum, excepto o que nós combatentes identificamos como a maior humilhação para o ESTATUTO DO ANTIGO COMBATENTE, a lei portas veio dar uma miserável esmola aos antigos combatentes.

Todos os antigos combatentes são unânimes em afirmar que, não querem monumentos, não querem nomes de ruas, não querem mordomias, apenas exigem honra e dignidade.

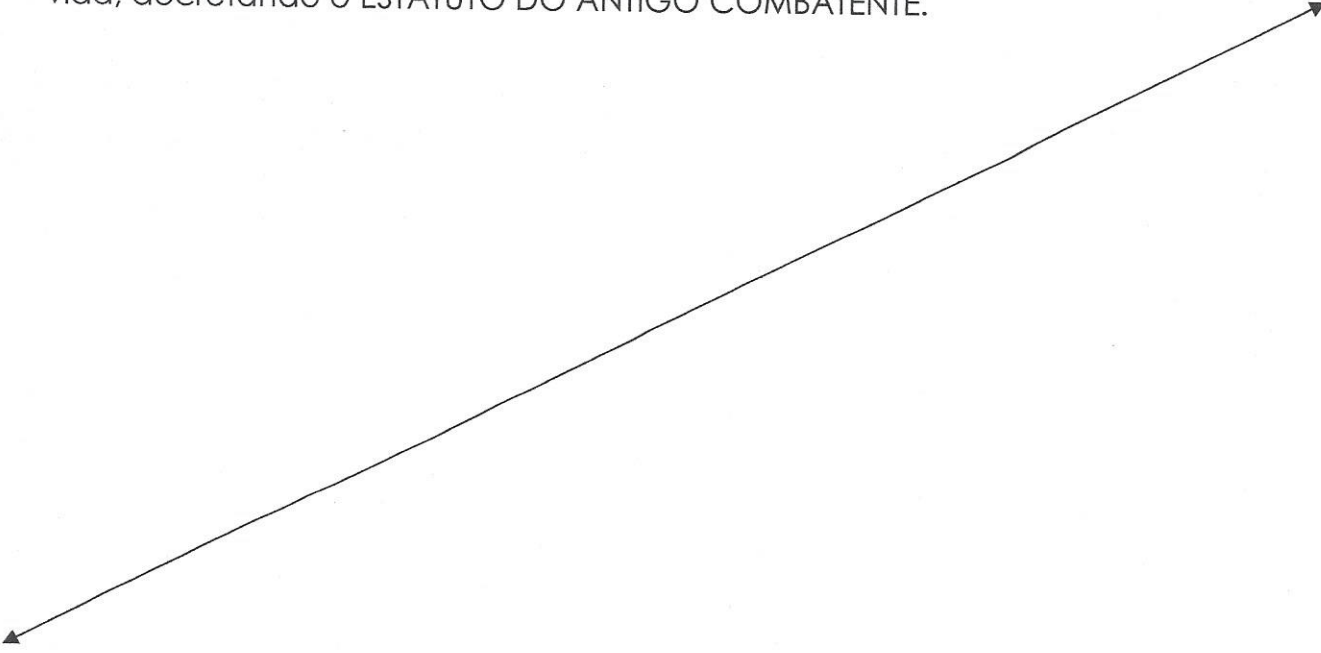
Perante este quadro, tonar-se imperioso culpar, de uma vez por todas, dado que até hoje nunca foi manifestado ou alegado por ninguém, que a actual situação de abandono e de esquecimento dos antigos combatentes resulta da falta de solidariedade de todos os Chefes de Estado-Maior dos três ramos das forças armadas, de todos os Comandantes Supremos das Forças Armadas (excepto o actual Presidente da República), de todos os Governos pós 25 de Abril (Excepto o actual governo do P.S.) e ainda da Liga dos Combatentes, para com os militares que fizeram a guerra e a paz.

A Liga dos Combatentes fundada em 1921, como "A liga dos Combatentes da Grande Guerra", como instituição vocacionada para os actos e efeitos da guerra, competia-lhe, além de, preservar conservar e divulgar o seu património histórico, do qual se salienta a memória coletiva, promover junto do poder político todas as diligencias para que os Antigos Combatentes não fossem lançados ao abandono e em total esquecimento, uma vez que estes factos e feitos praticados pelos antigos combatentes, na guerra do Ultramar ou guerra colonial, deverão ser transmitidos às gerações futuras.

*Manso*

*Jbh*

Assim, de uma vez por todas, entendemos que, o actual poder político, de forma patriótica e urgente, deverá fazer justiça a uma geração de jovens combatentes que se entregou à guerra, em defesa do solo pátrio, com o sacrifício da própria vida, decretando o ESTATUTO DO ANTIGO COMBATENTE.



Cascais- 05/12/2019

Pelos combatentes da Marinha, assinam:

José Maria Monteiro - Combatente

*José Maria Monteiro*

(C.C.. nº 3313150 Válido até 22 03 2028)

Mário Henriques Manso -Combatente

*Mário Henriques Manso*

(C.C.. nº 400310 Válido até 2 04 / 29)

Pelos combatentes da Força Aérea, assinam:

Joaquim de Sousa Coelho - Combatente

*Joaquim de Sousa Coelho*

(C.C.. nº 10449 Válido até 1 11)

(António Araújo Silva. Combatente

*António Araújo Silva*

(C.C.. nº 3349185 Válido até 07 06 / 2029)

Pelos combatentes do Exército, assinam:

Jeremias Henriques - Combatente

*Jeremias Henriques*

(C.C.. nº 08427458 Válido até 10 / 11 / 2020)

(Artur Craveiro Lopes - Combatente

*Artur Craveiro Lopes*

(C.C.. nº 132419 Válido até 22 / 10 / 2023)